



**NUTRINDO OLHARES: REFLEXÕES SOBRE ARTE, TECNOLOGIA SOCIAL E AGRICULTURA FAMILIAR A PARTIR DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

***NOURISHING GLANCES: REFLECTIONS ON ART, SOCIAL TECHNOLOGY AND FAMILY FARMING THROUGH UNIVERSITY EXTENSION WORK***

Mariana da Rocha Silva<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Pelotas - UFPel  
Associado/a/e ANPAP: não

Tatiane Carijio Zucchetti<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande - FURG  
Associado/a/e ANPAP: não

Viviani Rios Kwecko<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande - FURG  
Associado/a/e ANPAP: não

**RESUMO**

O presente trabalho desenvolveu-se a partir da reflexão de uma vivência de um projeto de extensão realizado em Maio de 2025, no qual a fotografia foi utilizada como uma ferramenta de Tecnologia Social para promover uma prática formativa baseada na escuta relacional, consolidando um espaço formativo. Ao aproximar os campos da Arte com o da Tecnologia Social, constitui-se a noção de uma “Arte Social Tecnológica”, que articula arte e vida com o objetivo de fortalecer vínculos locais, comunitários e de transformação social através da extensão universitária. Compreende-se, assim, que o processo de reconhecimento simbólico e subjetivo dos participantes do projeto integra uma mobilização em que a arte se configura como instrumento de ativismo político, social e emancipatório.

**Palavras-Chave:** Arte. Tecnologia Social. Extensão Universitária. Arte Social Tecnológica.

<sup>1</sup> Mestranda em Educação na Universidade Federal de Pelotas - UFPel e graduada em Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande - FURG (2023). Participa do Grupos de Pesquisa Laboratório de Tecnologia Social, Arte e Economia Criativa (FURG/CNPq) e pesquisadora e bolsista no Projeto e-COO - Cooperativismo de Plataforma: Inovação e Tecnologia social para o fortalecimento da agricultura familiar na Metade Sul do Rio Grande do Sul/RS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6202590136327020>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4203-508X>.

<sup>2</sup> Mestranda no programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG e Graduada no Curso de Artes Visuais Licenciatura (2023) na mesma instituição. Faz parte do Grupo de Pesquisa RECIDADE (CNPq/FURG). É pesquisadora e bolsista no Projeto e-COO - Cooperativismo de Plataforma: Inovação e Tecnologia social para o fortalecimento da agricultura familiar na Metade Sul do Rio Grande do Sul/RS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8631015060891680>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5075-3794>.

<sup>3</sup> Professora Titular da FURG, atua no Instituto de Letras e Artes e coordena o projeto e-COO, voltado ao cooperativismo de plataforma e à agricultura familiar. Lidera o Grupo de Pesquisa Laboratório de Tecnologia Social, Arte e Economia Criativa (CNPq/CAPES) e o Plano de Desenvolvimento para o APCL, com apoio do MDR. Integra o NUDESE/FURG, o Comitê de Inovação e Tecnocência Solidária da FURG e atua como coordenadora adjunta da Setorial Sul da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Tecnologia Social (ABEPETS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7813239365964664>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0278-2133>.



## **ABSTRACT**

*This work is based on a reflection on an extension project carried out in May 2025, in which photography was used as a Social Technology tool to promote a formative practice based on relational listening, consolidating a formative space. By bringing together the fields of Art and Social Technology, the notion of a “Technological Social Art” was created, which articulates art and life with the aim of strengthening local, community and social transformation links through university extension. It is thus understood that the process of symbolic and subjective recognition of the project’s participants is part of a mobilization in which art is configured as an instrument of political, social and emancipatory activism.*

**KEYWORDS:** *Art. Social Technology. University Extension. Technological Social Art.*

## **Introdução - Extensão universitária e pedagogias do olhar**

A extensão universitária constitui uma das dimensões fundamentais do tripé ensino–pesquisa–extensão que estrutura a missão das Instituições Públicas de Ensino Superior no Brasil. Conforme define a Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012), a extensão é entendida como um processo educativo, cultural, científico e político que articula o conhecimento acadêmico com os saberes das comunidades, a partir de uma perspectiva dialógica, transformadora e comprometida com a justiça social. Essa concepção aproxima-se da proposta de Paulo Freire (1983), para quem o conhecimento não deve ser “doado”, mas construído coletivamente, por meio de práticas que reconheçam os sujeitos populares como protagonistas do processo educativo.

Autores como Brandão (1985) e Oliveira (2009) reforçam que a extensão, especialmente quando realizada com base em metodologias participativas e colaborativas, constitui um campo fértil para a produção de conhecimentos emancipatórios. Em contextos rurais e periféricos, como os que envolvem a agricultura familiar, a universidade assume um papel ainda mais relevante, pois pode contribuir para o reconhecimento e valorização dos saberes tradicionais, a inovação social apropriada e o fortalecimento de práticas sustentáveis de vida e trabalho.

É com base nessa perspectiva que se insere a experiência do projeto de extensão *e-COO Olhares: estratégias de comunicação visual para a agricultura familiar*, realizado em maio de 2025. O projeto partiu do uso da fotografia como tecnologia social e



linguagem artístico-pedagógica, promovendo encontros entre estudantes universitários e agricultores familiares dos municípios de São José do Norte, Rio Grande e Pelotas. A fotografia foi utilizada não apenas como registro ou documentação, mas como ferramenta metodológica, educativa e estética, permitindo aos participantes refletirem sobre sua própria realidade, narrarem suas trajetórias e construírem imagens que afirmam sua identidade, território e produção.

O projeto buscou, assim, exercitar o olhar sobre o cotidiano da agricultura familiar, propondo que os registros fotográficos funcionassem como mediações sensíveis para a produção de sentidos, memória e de pertencimento. Essa abordagem dialoga com os princípios da arte/educação crítica, conforme proposto por Ana Mae Barbosa (1998), e com a noção de pedagogia visual desenvolvida por Fernando Hernández (2000), que reconhecem a potência da imagem na construção de práticas formativas emancipatórias, reflexivas e políticas.

Nesse sentido, a extensão universitária, ao adotar práticas colaborativas e estéticas em diálogo com os saberes populares, revela-se não apenas como uma ação complementar à formação acadêmica, mas como prática social transformadora, comprometida com a construção de uma universidade pública mais inclusiva, territorializada e comprometida com os desafios sociais do seu tempo. Com isto, neste artigo, pretende-se refletir sobre como o projeto de extensão *e-COO Olhares* foi um disparador reflexivo para iniciar o debate aproximando o campo da Arte com o da Tecnologia Social (TS)<sup>1</sup>, a partir da noção de uma Arte Social Tecnológica para a transformação social de todos os envolvidos do projeto.

## **O projeto *e-COO Olhares*: comunicação, afeto e educação no contexto da agricultura familiar**

O projeto de extensão *e-COO Olhares* é um desdobramento do projeto “*e-COO: Cooperativismo de Plataforma para o fortalecimento da agricultura familiar*”<sup>2</sup>, voltado à criação e consolidação de um modelo de Cooperativismo de Plataforma no sul do Brasil. Essa iniciativa, que articula tecnologias sociais, economia solidária e soberania



digital, busca fortalecer redes produtivas autogestionárias, especialmente entre agricultores familiares, pescadores artesanais e artesãos.

No caso específico do *e-COO Olhares*, a proposta emergiu a partir da escuta atenta e da convivência com os produtores parceiros, que expressaram a necessidade de comunicar suas experiências, saberes e modos de vida de forma sensível e autêntica. Assim, o projeto de extensão se constituiu como uma resposta metodológica e poética a essa demanda, incorporando a linguagem visual e a fotografia como ferramentas de expressão, documentação e criação partilhada. Seu foco está em construir estratégias de comunicação que valorizem o aspecto relacional, afetivo e educativo da produção agroecológica e da vida comunitária. O projeto foi realizado entre os meses de maio e junho de 2025, com a participação ativa de seis agricultoras e agricultores familiares da região estuarina sul-rio-grandense. A seleção dos participantes se deu a partir da escuta e do envolvimento com as redes parceiras do projeto *e-COO*, priorizando diversidade de experiências, gêneros e vínculos comunitários. Os encontros foram organizados em formato presencial, promovendo um ambiente de confiança, diálogo horizontal e troca de saberes.

A proposta pedagógica do projeto se estruturou a partir da introdução de noções básicas da linguagem fotográfica, explorando temas como composição, enquadramento, luz, narrativa visual e intencionalidade do olhar. Em vez de apresentar a fotografia como um domínio técnico inacessível, buscou-se desmistificá-la enquanto ferramenta elitista, apostando em uma abordagem pedagógica crítica e situada, que partisse das experiências e referências visuais já presentes na vida dos participantes.

Durante os encontros (Imagem 1), foram compartilhadas imagens relacionadas ao universo rural, tanto de acervos autorais quanto de produções culturais diversas, com o objetivo de provocar reflexões sobre os modos como o meio rural tem sido historicamente representado — muitas vezes de forma estereotipada ou descontextualizada. A partir desse exercício curatorial coletivo, discutiu-se como as imagens podem também ser instrumentos de afirmação territorial, de autoria simbólica e de comunicação política. Buscou-se evidenciar que os próprios agricultores e



agricultoras possuem potencial para narrar, através da imagem, a complexidade de seus cotidianos, culturas e práticas produtivas, gerando uma contra-narrativa frente às imagens hegemônicas veiculadas pelas grandes mídias e plataformas digitais.



Imagem 1. Primeiro encontro do projeto e-COO *olhares*, 2025. Fonte: Acervo do projeto. Imagem digital. Dimensões: 10 cm x 10 cm.

Além da reflexão teórica e do compartilhamento de referências, foram promovidas oficinas práticas em que os participantes puderam experimentar diferentes modos de registro fotográfico, utilizando tanto equipamentos do projeto quanto seus próprios celulares. As atividades práticas envolveram desde a produção de retratos e imagens do cotidiano no campo, até ensaios temáticos que retratam o cultivo, a relação com o território, os saberes herdados e o trabalho coletivo. Ao final do processo, os registros foram organizados em um portfólio coletivo, e parte deles selecionada para compor uma exposição comunitária itinerante, reforçando a dimensão pública e compartilhada da criação artística.

Esse percurso metodológico permitiu que os participantes não apenas aprendessem a utilizar a fotografia como linguagem, mas também que se reconhecessem como sujeitos produtores de conhecimento e de cultura, em um processo que articula formação estética, valorização de saberes populares e fortalecimento identitário. O projeto, assim, reafirma a potência da arte como TS, ao colocar em prática um modelo de formação que combina escuta sensível, mediação crítica e protagonismo popular.

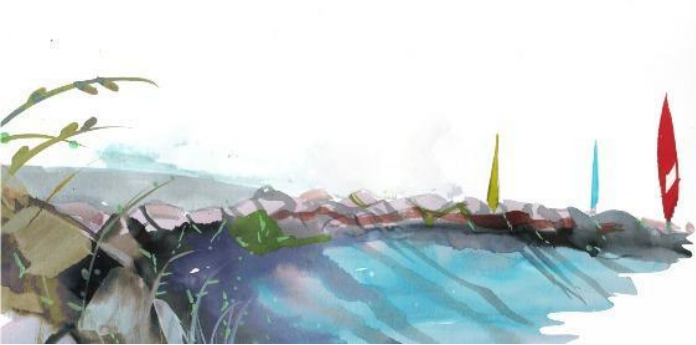


Ao debater e experienciar os usos e as potencialidades da fotografia e das redes sociais como ferramentas de valorização simbólica e estratégias de comercialização solidária dos produtos da agricultura familiar, a equipe do projeto teve o privilégio de escutar, de forma sensível, ativa e atenta, às histórias de vida, os modos de cultivo e os desafios cotidianos enfrentados pelas agricultoras e agricultores participantes. Esses relatos não foram apenas conteúdos de escuta passiva, mas constituíram o cerne de um processo formativo vivo, no qual a produção de imagens tornou-se mediação para o fortalecimento de identidades, para a visibilidade de práticas produtivas invisibilizadas e para a afirmação de territórios em resistência.

Ao longo dos encontros, a fotografia foi compreendida não apenas como uma técnica de registro, mas como linguagem e prática social, que carrega intencionalidade, narrativa e afeto. Ao exercitar o olhar fotográfico, cada participante teve a oportunidade de elaborar imagens que reconfiguram sua própria percepção sobre o que fazem, onde vivem e como se organizam. Assim, mais do que ilustrar a agricultura familiar, o projeto buscou produzir uma cartografia afetiva e crítica dos territórios cultivados e vividos, com o olhar de quem os habita.

Para Sontag (2004) a fotografia não é uma prática neutra, carregando consigo intenções, disputas de sentidos e narrativas e, segundo Freire (1985) o ato de se comunicar consiste em estabelecer diferentes modos de relações. Neste sentido, ao compartilhar imagens do cotidiano da agricultura familiar, feitas por aquelas e aqueles que o vivem, é possível promover o fortalecimento, a autonomia e a valorização do trabalho no campo. Com isso, foi-se exercitando como o olhar desses produtores pode ser um olhar que valoriza seu trabalho quando registrado em imagens. Aqui, ocorre um processo de nutrição estética (Martins, 2012) a partir do que é de seu cotidiano, de maneira que:

[...] a utilização da fotografia permite que o sujeito sinta-se pertencente não só ao trabalho, mas também a esse lugar de onde ele vem, remetendo-o à noção de pertencimento, na medida em que favorece a ampliação de sua consciência sobre o real vivido. O trabalho com grupos, quando se fala de fotografia, pode favorecer a consideração do sujeito e suas concepções na dimensão subjetiva e social. O observador atua como um instrumento, que sente, percebe, registra e revela o momento (Zani; Krummenauer, 2021, p. 62).



Durante os diálogos estabelecidos ao longo do projeto, emergiram relatos que evidenciam os obstáculos enfrentados na produção agrícola, como a escassez de recursos, o isolamento estrutural e a invisibilidade social do trabalho no campo. Esse processo de escuta ativa, sustentado por uma abordagem dialógica e horizontal, possibilitou o desenvolvimento de uma dimensão formativa e política, essencial para a compreensão crítica da realidade vivida pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais. A criação de um espaço acolhedor e de confiança foi fundamental para o fortalecimento dessa aproximação, favorecendo não apenas a troca de experiências, mas também a construção coletiva de sentidos. Nesse sentido, Paulo Freire já nos alertava para a centralidade de uma educação dialógica, comunicativa e comprometida com a transformação, ao afirmar que:

[...] para que haja comunicação eficiente entre eles [educandos e educadores], é preciso que educador e político sejam capazes de conhecer as condições estruturais em que o pensar e a linguagem do povo, dialeticamente, se constituem. Daí também que o conteúdo programático para a ação, que é de ambos, não possa ser de exclusiva eleição daqueles, mas deles e do povo. É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação (Freire, 1987, p. 62).

Também houveram questões que foram fundamentais para que as imagens fossem criadas, como no caso da Figura 02, onde a produtora Ana Liperte, que produz orgânicos no interior de São José do Norte, relata que no final de semana pós oficina, recebeu conhecidos em casa e resolveu fazer um sopão, com alimentos colhidos direto de sua horta. Em meio a este processo, Ana registrou seus alimentos dispostos à mesa: alimentos que nutriram não só seu corpo, mas também seu olhar.

Essa vivência, ao articular dimensões formativas, expressivas e políticas, proporcionou um processo genuinamente transdisciplinar. A proposta extrapolou os limites das áreas específicas — seja a arte, a comunicação ou a agronomia — e favoreceu o encontro de saberes e práticas entre universidade e comunidade, técnica e tradição, imagem e território. A equipe proponente, formada por extensionistas, artistas, educadoras e comunicadoras populares, também foi profundamente afetada



pelo processo, sendo desafiada a deslocar suas referências e construir uma escuta radical, conforme propõe Paulo Freire, em que educar é também se deixar educar.



Imagem 2. Ingredientes para um sopão, 2025. Fotografia da produtora Ana Liperte. Fonte: Acervo do projeto. Imagem digital. Dimensões: 10 cm x 10 cm.

Nesse sentido, a experiência se constituiu como um espaço de formação recíproca, que desnaturaliza a separação entre emissor e receptor, criador e público, profissional e agricultor. A partir do diálogo, da coautoria e da experimentação estética, foi possível ampliar a consciência sobre os contextos locais e suas complexidades, contribuindo para a construção de vínculos mais éticos, afetivos e comprometidos entre universidade e território. Ao transformar o ato de fotografar em um gesto político e poético, o projeto reafirma a potência da arte como ferramenta de mediação social, produção de sentido e emancipação comunitária.

De maneira geral, o *e-COO olhares* sensibilizou não só seus participantes como também toda a equipe envolvida ao possibilitar um espaço de dupla formação, sendo a primeira o exercício e construção de fotografias para os participantes e o segundo o processo de escuta atenta das histórias desses produtores pela equipe proponente.

**Arte Social Tecnológica: convergências entre criação artística, tecnologias sociais e transformação territorial**



Ao abordarmos o conceito de TS no contexto da produção em arte, propomos refletir sobre uma configuração emergente que aqui denominamos Arte Social Tecnológica. Trata-se de pensar a arte como campo de criação e intervenção que se constroi a partir da interação entre práticas artísticas, necessidades sociais e soluções tecnológicas adequadas aos territórios e comunidades envolvidas. Segundo Dagnino, Brandão e Novaes (2004), a TS refere-se a métodos e práticas que buscam solucionar problemas sociais a partir de uma lógica inclusiva, participativa e voltada ao desenvolvimento sustentável, rompendo com a visão tecnocrática da inovação tradicional.

As Tecnologias Sociais têm como fundamento valores democráticos, autogestionários e colaborativos, possibilitando processos em que o conhecimento é compartilhado e construídos de forma horizontal. Nesse sentido, ao serem aproximadas do campo da arte e da educação, as TS expõem um potencial político, pedagógico e estético de ampla relevância. Para Archanjo e Tormohlen (2022), a interlocução entre TS e educação contribui para fortalecer valores democráticos e projetar “propostas educacionais que tenham como ponto de partida as demandas sociais/socioambientais locais, no processo formativo, no planejamento e na elaboração de atividades didático-pedagógicas” (p. 332).

A arte, por sua vez, já não pode ser compreendida apenas como objeto estético ou produção autônoma. Conforme argumenta Nicolas Bourriaud (2009), o campo artístico contemporâneo se (re)configura como um espaço de trocas, relações e encontros sociais, capaz de instituir tempos e durações outras, de interromper os fluxos acelerados do cotidiano e propor novas formas de comunicação e convivência. A prática artística, assim, não mais se limita à representação, mas atua como mediação crítica, sensível e propositiva, capaz de reorganizar o imaginário social e promover novas formas de agir no mundo.

Essa abordagem permite pensar a criação artística como processo socialmente situado, no qual o ato de criar está vinculado à escuta ativa, ao reconhecimento dos saberes populares, à atuação nos territórios e à busca por soluções coletivas para os desafios enfrentados por grupos historicamente marginalizados. A produção em arte,



nesse horizonte, torna-se ato político e educativo, e pode integrar o repertório de ferramentas das tecnologias sociais.

No ponto de convergência entre as duas dimensões – Arte e TS –, emerge a proposta de uma Arte Social Tecnológica, entendida como um campo interdisciplinar e relacional, onde a criação se dá de forma consciente, colaborativa, transformadora e enraizada nas realidades locais. Nessa perspectiva, o projeto *e-COO Olhares*, realizado em maio de 2025, pode ser compreendido como uma experiência inaugural desse campo. A proposta articulou práticas de fotografia com metodologias participativas, permitindo que agricultores familiares se expressassem, refletissem e narrassem suas vivências a partir da própria perspectiva.

Ao reconhecer a fotografia como linguagem estética e TS, o projeto promoveu um espaço de troca simbólica e de construção de sentido coletivo. Mais do que uma intervenção pontual, constituiu-se como uma prática de formação cidadã, valorização cultural e empoderamento territorial, alinhada aos princípios da economia solidária e da soberania cognitiva ao

[...] assumir o artístico como um ato criador a partir de diversas possibilidades expressivas, o que fazem do sujeito individual e coletivo um detonador de oportunidades para incidir na realidade e afetá-la com propostas que sejam executadas. *A arte como um processo sociocultural vai além da arte como produto e implica a possibilidade de construir novos olhares acerca dos contextos em que a criação tem lugar* (Achinte, 2023, pg. 97, grifo nosso).

Como arte/educadoras, compreendemos que essa convergência não apenas amplia o escopo da criação artística, como também impulsiona transformações efetivas a partir do território, promovendo o fortalecimento de vínculos comunitários, a valorização das culturas locais e a democratização dos meios de produção simbólica.

## **Considerações Finais – Nutrindo olhares e debates**

A experiência do projeto *e-COO Olhares* evidencia como a extensão universitária, quando orientada por princípios de diálogo, escuta e (co)formação, pode constituir-se em uma prática educativa, estética e política profundamente transformadora. Ao utilizar a fotografia como linguagem sensível e TS, o projeto criou um espaço de



encontro entre o saber acadêmico e os saberes da agricultura familiar, promovendo não apenas o registro de realidades, mas a construção coletiva de narrativas visuais sobre o território, o trabalho e a identidade dos sujeitos do campo.

Mais do que capacitar tecnicamente, o *e-COO Olhares* promoveu um processo de reconhecimento simbólico e de fortalecimento das subjetividades dos agricultores e agricultoras envolvidas. Em tempos de invisibilização das formas de vida rurais e de homogeneização estética promovida pelas grandes plataformas digitais, iniciativas como essa afirmam a potência da arte/educação como campo de produção de sentido, pertencimento e autonomia. O projeto contribuiu, assim, para ampliar as possibilidades da produção criativa no meio rural, tensionando os limites entre criação artística, comunicação comunitária e inovação social.

Através do projeto, pode-se aproximar o campo da Arte e da TS e compreender de que maneira estes dois campos se abrem para um novo debate. Nesse sentido, a Arte Social Tecnológica configura-se como um campo emergente de atuação estética e política, em que a produção artística não se separa das lutas sociais, das práticas de cuidado, da justiça ambiental e das possibilidades de um outro desenvolvimento – mais justo, enraizado e plural. Tal abordagem propõe superar a separação entre arte e vida, entre técnica e sensibilidade, ao colocar a criação estética a serviço da escuta, do fortalecimento de vínculos comunitários e da transformação social a partir dos territórios.

Nesse contexto, a extensão universitária se reafirma como um instrumento vital para a construção de uma universidade pública territorializada, comprometida com os desafios contemporâneos e com a valorização das culturas populares. Projetos como o *e-COO Olhares* mostram que é possível articular tecnologias sociais, práticas educativas e linguagens artísticas de modo emancipatório, promovendo um ecossistema de criação enraizado nos vínculos humanos e nas possibilidades concretas de um futuro comum.



## Referências

ARCHANJO, Miguel de; TORMOHLEN, Simoni. A tecnologia social no contexto da educação socioambiental crítica: uma ação educativa societária. *Rev. Fac. Cienc. Tecnol. Bogotá*, n. 51, p. 317 - 335, Junho de 2022. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0121-38142022000100317#:~:text=A%20presente%20pesquisa%20tem%20como%20objetivo%20investigar%20e.de%20superar%20demandas%20socioambientais%20locais%20de%20uma%20comunidade.](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-38142022000100317#:~:text=A%20presente%20pesquisa%20tem%20como%20objetivo%20investigar%20e.de%20superar%20demandas%20socioambientais%20locais%20de%20uma%20comunidade.)>. Acesso em 14 de jun. 2025.

ARCHANJO, Suzeley; TORMOHLEN, Sarah. Educação, tecnologias sociais e democracia: contribuições para práticas pedagógicas emancipatórias. In: DIAS, Rosângela; GATTI, Fernanda; MACHADO, Carolina (Orgs.). *Tecnologias sociais e democracia: experiências e práticas populares*. Brasília: Fundação Perseu Abramo, 2022. p. 325–339.

ARCHINTE, Adolfo Albán. A comunidade criativa: uma pedagogia da imagem. In: BARBOSA, Ana Mae; FONSECA, Annelise Nani da (orgs). *Criatividade coletiva: arte e educação no século XXI*. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2023. p. 91 - 115.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Editora Martins, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).

DAGNINO, Renato; Brandão, Flávio Cruvinel; NOVAES, Henrique Tahan. Sobre o marco analítico-conceitual da tecnologia social. In: Fundação Banco do Brasil. *Tecnologia social: uma estratégia para o desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, 2024. Disponível em: <[https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs\\_online/livros/tecnologia\\_social.pdf](https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/livros/tecnologia_social.pdf)>. Acesso em: 14 de jun. 2025.

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. *Política Nacional de Extensão Universitária*. Brasília: FORPROEX, 2012. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/prorext/files/politica-nacional-de-extensao.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025

FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?*. [Trad. de Rosisca Darcy de Oliveira; Prefácio de Jacques Chonchol]. 7º ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed.; 23. reimp.; - Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 69–88.

OLIVEIRA, Maria Inês Paulino de. *A extensão universitária como práxis transformadora: contribuições da pedagogia freireana*. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 55–67, 2009.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.



ZANI, João Luís; KRUMMENAUER, Amanda. A fotografia e a extensão rural - uma reflexão sobre o cotidiano dos pequenos produtores de leite no sul do Brasil. Revista Eletrônica de Extensão, Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 60 - 67, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/view/72178>>. Acesso em: 13 de jun. 2025.

## Notas

<sup>1</sup> Ao longo destes escritos iremos referenciar o termo “Tecnologia Social” apenas com a abreviação TS, para padronizar a leitura.

<sup>2</sup> Para saber mais acesse: <<https://ecoo.org.br/>>.